

Por uma quiromancia da vida urbana

José Machado Pais. *Lufa-lufa quotidiana: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2010. 227 páginas.

Juliana Abonizio

Em *Lufa-lufa quotidiana*, o sociólogo português José Machado Pais coleta pequenos fragmentos da vida cotidiana, como pacotes de açúcar, adesivos de carro, anúncios publicitários, trechos de cartas de leitores de revistas, e, dirigindo a eles um olhar investigativo, leva o leitor a perceber o que está por trás daquilo que se exhibe ao olhar. Trata-se de ampliar a visão do leitor, no sentido de ver a cidade contemporânea por meio de uma espécie de “quiromancia sociológica”, que propõe conhecer a cidade como a palma da mão, incluindo a revelação de seu passado oculto embrulhado no porvir que se revela pelo presente.

O livro é composto de seis capítulos interligados, embora com alguma independência. Um dos objetivos é “questionar a relação conflituosa que temos com o tempo na chamada lufa-lufa quotidiana” (p. 11). “Lufa-lufa”, hoje em desuso, é uma expressão onomatopeica representando a interjeição de afobamento, os “ufas” da vida, a pressa que caracteriza o cotidiano na modernidade. Além do sentido temporal, o autor considera a discussão espacial preponderante. Diante da multiplicidade da vida citadina, o tempo, em sua dimensão contrastante, permite ver melhor a realidade cotidiana. Embora existam muitas formas, inclusive simultâneas de perceber o tempo, há uma noção dominante em cada sociedade. O tempo sagrado dá lugar ao tempo quantitativo transformado em mercadoria, expressado pelo senso comum na máxima: “Tempo é dinheiro”. O tempo apressado tem uma dimensão espacial, na medida em que os espaços passam a ser planejados e vivenciados para maior economia de tempo, o que faz da cidade a representante maior desse corre-corre.

Para o autor, a “vida urbana converteu-se numa corrida contra o tempo. Os obstáculos da vida não por acaso ganharam o nome de contratemplos” (p. 77). Para escrever sobre esse tempo vivido na cidade contemporânea, José Machado Pais selecionou

estudos de caso partindo da deambulação sociológica – metodologia defendida pelo autor em outros livros, notadamente em *Vida cotidiana: enigmas e revelações* (2003) –, considerando o cotidiano a alavanca metodológica do conhecimento e investindo em uma percepção dinâmica, que enxerga as relações entre objetividade e subjetividade, presente, passado e futuro. Em suas palavras, trata-se de “ver a sociedade a nível dos indivíduos mas vendo também como ela se reflete na vida deles” (p. 16).

O capítulo 1, “Dolências e indolências da vida urbana”, principia com a constatação das diferentes leituras possíveis da cidade, citando autores como Simmel, Baudelaire e Lefebvre. Sua tese fundamenta-se com base em duas observações: a passagem do “paradigma da lentidão” para o “paradigma do encontrão” e as novas modulações sensitivas caracterizadas por um excessivo “dar nas vistas” e um evasivo “não dar ouvidos”.

O “paradigma da lentidão” foi construído com base em suportes filosóficos, como Mossner, Wittgenstein, Ítalo Calvino, mas, a pressa instaurada na modernidade, transformou tal paradigma, segundo o autor, em uma “topada”, um encontrão. Para ele, “*Encontrão* é muito mais e muito menos do que *encontro*” (p. 28). A etimologia do termo remete ao encontro, do latim *incontro*, que contém a ideia de descoberta e de choque. Assim, o “encontrão retrata este sentido de *ir contra* ou *em contra*” (p. 28).

A constatação dessa mudança de paradigma que levou a um apressamento da vida cotidiana é expressa pelo autor em exemplos corriqueiros e vulgares, como as dificuldades no trânsito. A pressa dos motoristas provoca caos que, por vezes, impede o próprio transitar. Nessa situação, valoriza-se o futuro em detrimento do tempo que passa, apesar do impulso ao imediatismo, citado pelo próprio autor. Esse sacrifício do presente (perdido em filas de trânsito) tem como outra face a alienação do indivíduo. O tempo e a espera, bem como o medo de nunca alcançar, entram na contabilidade emocional de quem vivencia a cidade moderna, frequentemente, em desespero (cf. p. 32).

Outra mudança paradigmática constatada por José Machado Pais refere-se à supremacia da visão entre todos os sentidos, ao contrário Michel Maffesoli (1999), para quem o sentido do tato preponde-

ra na contemporaneidade. Para Machado Pais, “nos relacionamentos sociais o lema é cada vez mais ‘das nas vistas’ e ‘não dar ouvidos’” (p. 33) mesmo diante do barulho e do desrespeito significativo diante dos avisos de silêncio. Para ele, “a proeminência do olhar acompanhou a instituição do paradigma do encontrão” (p. 35) e vivemos de modo a nos fazer de surdos em várias situações.

A dificuldade de comunicação faz com que as mediações sociológicas apresentem-se como um enorme desafio à sociologia da interação, pois frequentemente não sabemos nem mesmo a localização do nosso interlocutor. Tal questão tem suscitado interesse entre os cientistas sociais que indagam sobre como novos objetos sociais estão sendo construídos; é preciso criar uma contrapartida teórica que dê conta das novas interações sociais advindas de novas tecnologias da comunicação e da informação, além das tecnologias aplicadas ao corpo humano. Tãmanha simbiose com a máquina e tãmanha experiência virtual certamente modificaram nossa noção de humanidade, como David Le Breton discute em *Adeus ao corpo* (2003).

Para Machado Pais, um sociólogo do cotidiano deve estar atento a essas transformações, ser uma espécie de decifrador. Assim, é necessário observar como a cidade se mostra, e, mais do que isso, como as imagens de que ela se reveste estão repletas de sentidos. Sua proposta é dupla: pensar a cidade pelas imagens que ela nos apresenta para entender e questionar os olhares que a produzem. Com essa perspectiva, Machado Pais focaliza, por exemplo, a surdez característica da comunicação no contexto do trânsito, a qual se dá prioritariamente por xingamento gestual e adesivos decorativos nos carros. Estes liberam desejo de fuga em relação à realidade do atropelo e representam desejos de interação, raramente correspondidos. Por meio de exemplos variados, o autor constrói uma tipologia dos adesivos, como aqueles de galanteio (“procura-se namorada”), desafios à rotina (“anime o meu dia, façamos uma corrida”) e declarações de ociosidade (“não me apresse”). Essas atitudes de valorização de si mesmo, de agressividade e de gabarolice perante a sexualidade expressam a neurose coletiva.

Riscos e medos objetivos, como assalto, morte, doença, mesclam-se a medos subjetivos, que dizem

respeito à identidade pessoal já bastante fragilizada, segundo Machado Pais, em razão da perda de significados de referência (cf. p. 58).

O autor constata a criação de espaços condicionados que se tornam verdadeiras “cidades” no interior da metrópole, corroendo aos poucos a identificação histórica com a cidade. Esse processo de perda de existência qualitativa fortalece o sentido quantitativo da experiência – tudo vira número –, sendo que os momentos de personalização não chegam a configurar uma noção de coletividade.

Com essa perspectiva e usando exemplos do cotidiano, o autor chega à complexidade da cidade por meio de imagens fragmentadas, buscando aprofundar aquilo que parece insignificante. *Lufa-lufa quotidiana* recupera a ideia apresentada em escritos anteriores do autor, qual seja, a aproximação da sociologia do cotidiano com a antropologia visual.

Existe uma relação afetiva construída entre os habitantes e a cidade, e é esse sentido que Machado Pais ressalta, uma vez que ali não é apenas um lugar para viver, mas também para sonhar (cf. p. 80). Nesse aspecto, as políticas culturais têm espaço para intervenção, sendo o seu desafio ligar a dimensão de *polis*, associada à ordem política, e a dimensão de *urbs*, ligada ao pulsar.

Ainda nesse âmbito, o autor denuncia o complexo sistema de siglas presente no setor público, que esconde significados e empodera os que dominam essa linguagem: o “sigalês”. O sistema das siglas seria uma metáfora do mundo que representam e do modo como o representam. Machado Pais propõe, então, a desalienação da cidade, com uma ressignificação para os indivíduos e a reconstrução das identidades desenraizadas, deixado claro que não se trata de imobilizar o passado, mas recriá-lo, uma vez que “o passado muda à medida que o tempo passa por ele” (p. 93).

Se, no primeiro capítulo, o autor apresenta o “paradigma do encontrão” e a supremacia do visual compondo uma sociedade apressada e alienante com vários dilemas de ordem objetiva e subjetiva, no segundo, volta a falar dos dilemas da sociedade contemporânea a ponto de denominá-la “uma sociedade dilemática”, gerada pela tensão entre tipos de reflexividade. Diferentemente do que é sugerido por alguns teóricos da modernidade reflexiva, Machado Pais não acredita que “a um estágio de reflexivida-

de impositiva (orientada pelo passado) se siga outro, inevitavelmente, de reflexividade transformadora (orientada pelo futuro)” (p. 97). Haveria sim uma situação de predominância e não linearidade. Em inúmeras situações, os cálculos de incertezas e riscos colocam o indivíduo em estado de tensão. Mesmo que as escolhas sejam circunstanciais, dimensões sociais por vezes ignoradas permeiam a experiência cotidiana. A modernidade não deve ser entendida como um empolamento de opções, mas está na origem de crescentes diferenciações entre quem pode ou não aceder às identidades projetadas. O autor propõe um olhar relativizado acerca da liberdade subjetiva, que não é apenas insubmissão às convenções; a subjetivação e a socialização não são coisas opostas, e a individualização pode gerar falsa consciência de libertação.

Considerando que realização pessoal e transformação social não são excludentes, Machado Pais mostra como se comportam os movimentos sociais contemporâneos diante da repressão à individualidade e dá o exemplo de jovens que constroem uma identidade ao investir no corpo:

Recorrentemente, a rua é por jovens reivindicada como um palco de cultura participativa. Vejamos o caso dos jovens *skaters*. Para eles, a rua é cenário de um compromisso com a cidade. De uma experiência sensorial da cidade feita através da escuta dos rolamentos, da visualização dos movimentos, do olfatar dos odores, da vibração corporal dos deslizamentos (p. 129).

A rua é reivindicada como espaço de criatividade e emancipação, o que remete a uma cidadania que valoriza a individualidades e a marginalidade, chamada pelo autor de “cidadania participada”. Como os jovens são considerados dependentes, a discussão a esse respeito é importante, uma vez que não se pode aceitar a ideia de cidadania que prescindia de uma noção de autonomia. E é justamente isso o que os jovens reivindicam. Não é por acaso que se constata a ineficácia de intervenções políticas dirigidas à juventude, que desconhecem o contexto de sua aplicação. Seria necessário, pois, a realização de prognósticos mais competentes.

Por fim, Machado Pais corrobora seu argumento com exemplos de experiências que ajudam

a refletir modos de valorizar culturas populares. Como o próprio título sugere, refletir sobre a cidade significa o entendimento das noções reinantes de tempo e espaço que condicionam a experiência dos habitantes, favorecendo a alienação ou a redescoberta de uma identidade.

Quando se analisa o cotidiano das cidades vislumbra-se não só o mundo dos constrangimentos reais, mas também o mundo imaginário. Além disso, abre-se espaço para a discussão do mundo cifrado das políticas públicas e das possibilidades de uma “cidadania participada”.

Apesar de crítico das políticas públicas, do patrimonialismo, da espetacularização dos patrimônios e da especulação imobiliária que segmenta a cidade e nebula a consciência histórica de seus habitantes, *Lufa-lufa cotidiana* não é um livro pessimista. Para Machado Pais, as “políticas culturais, se forem bem desenhadas, podem contribuir para o desenvolvimento de uma cidadania de base cultural” (pp. 90-91).

O desafio lançado aos leitores, e aos agentes culturais, é passar da burocracia do controle para uma política de desenvolvimento cultural. O conceito de cidadania é crucial nesse sentido, mas deve ser aplicado às especificidades da contemporaneidade, ou seja, uma cidadania que, garantindo valores universais e igualitários, permita a expressão da pluralidade de identidades reivindicadas.

BIBLIOGRAFIA

- LE BRETON, David. (2003), *Adeus ao corpo*. São Paulo, Papirus.
- MAFFESOLI, Michel. (1999), *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro, Vozes.
- PAIS, José Machado. (2003), *Vida Cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo, Cortez.

JULIANA ABONIZIO
 é doutora em Sociologia, professora
 do Departamento de Sociologia e
 Ciência Política e do Programa de Pós-
 Graduação ECCO – Estudos de Cultura
 Contemporânea da Universidade
 Federal de Mato Grosso (UFMT).
 E-mail: <j_abonizio@yahoo.com.br>